



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

**Eixo temático: Serviço Social, relações de exploração/opressão e resistências de gênero, feminismos,
raça/etnia, sexualidades**

Sub-eixo: Sexualidades, identidades de gênero e direitos

“ABRA A PORTA DESSE ARMÁRIO QUE NÃO TEM CENSURA”: CANTORAS LÉS-BI FRENTE A ONDA REACIONÁRIA NO BRASIL

LUANA PAULA MOREIRA SANTOS¹

RESUMO

Este artigo analisa o avanço do conservadorismo, do bolsonarismo no Brasil e a atuação de cantoras lés-bi. Utilizando a teoria social crítica e pesquisa documental, identificamos algumas artistas na luta política. Os resultados revelam o crescimento da discriminação e da violência contra minorias, que impulsionou o engajamento dessas cantoras nas disputas políticas e ideológicas no país.

Palavras-chave: artevismo, cantoras lésbicas e bissexuais, conservadorismo.

ABSTRACT

This article analyzes the advance of conservatism, Bolsonaroism in Brazil and the performance of lesbian singers. Using critical social theory and documentary research, we identified some artists in the political struggle. The results reveal the growth of discrimination and violence against minorities, which boosted the engagement of these singers in political and ideological disputes in the country.

Keywords: artevism, lesbian and bisexual singers, conservatism.

1 INTRODUÇÃO

Falarmos da realidade da população LGBTQIAPN+ no Brasil já é, por si, um desafio pelo alto índice de mortes e pelos inúmeros casos de lgbtfobia; associarmos na análise o crescimento da extrema direita e o recrudescimento do conservadorismo torna a nossa tarefa ainda mais

¹ Universidade do Estado do Rio Grande do Norte



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

desafiadora, por se tratar da história do tempo presente e trazer marcas que também nos atinge. Segundo o Grupo Gay da Bahia – GGB, o Brasil “é o país com a maior quantidade de registros de crimes letais contra LGBT do mundo” (MOTT, MICHAELS, 2019), tendo também, segundo o Trans Murder Monitoring², liderado, pelo 12º ano consecutivo, o ranking de mortes de pessoas trans no globo³.

Agrava essa realidade a chegada à Presidência da República, em 2018, do ex-militar e à época ex-deputado federal, que alavancou sua carreira política na disseminação do ódio contra LGBTQIAPN+, movimento feminista, movimento negro e demais movimentos sociais que vislumbravam a garantia de direitos sociais por parte do Estado e a diminuição/eliminação da desigualdade. Jair Bolsonaro constrói sua “carreira” política alicerçada no ódio, na defesa da ditadura militar, da tortura, da violência contra crianças com comportamentos “afeminados”, no ataque às pautas LGBTQIAPN+, do movimento de mulheres e na crítica às políticas sociais de caráter compensatório. Ao reconstruirmos sua ascensão ao poder utilizamos elementos importantes destacados por Toitio (2020)

Quando deputado, outro eufemismo que atribuíam a Bolsonaro era o de “bizarro” ou “excêntrico”, por causa de seu orgulho em bravejar discursos de ódio, como o de defesa da Ditadura Militar e da tortura, do extermínio de “bandidos” e “criminosos”, ou mesmo o de defesa da violência infantil contra um filho afeminado. E ao representar a vertente mais autoritária e reacionária do conservadorismo político, não foi surpresa para ninguém quando o deputado passou a se colocar contra qualquer avanço da pauta LGBT no Congresso Nacional, tornando-se já nos anos 2000, um dos principais articuladores no impedimento da aprovação dos direitos LGBT e, na década posterior, protagonizando a resistência ao avanço das políticas LGBT implementadas pelo poder executivo. E foi pioneiro na ofensiva contra a implementação pelo Ministério da Educação do projeto Escola sem homofobia e, em particular, de uma das ações do projeto que o grupo do deputado apelidou pejorativamente de “kit-gay” (TOITIO, 2020, p. 81)

A figura vista como “bizarra” e “excêntrica” encontrou ressonância nas alas conservadoras da sociedade e se fortaleceu com o recrudescimento do conservadorismo e das forças reacionárias que passaram a se colocar no cenário nacional, ainda que de forma difusa e desorganizada. Unia ao seu discurso de ataque às pautas progressistas, a defesa da “família, da segurança, da propriedade e da religião”, salvaguardadas todas as particularidades dos diferentes tempos históricos, vimos ascender uma reinvenção à brasileira do que Marx, ao tratar da segunda Revolução Francesa, chamou de tragédia, em que a “França criou circunstâncias e condições que

² Observatório de Assassinatos Trans.

³ Dados publicados no site da revista Exame - <https://exame.com/brasil/pelo-12o-ano-consecutivo-brasil-e-pais-que-mais-mata-transsexuais-no-mundo/> em 19 de novembro de 2020. Acessado em: 07 de janeiro de 2021.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

permitiram a um personagem medíocre e grotesco desempenhar o papel do herói” (MARX, 2017, p. 18).

Toda reivindicação da mais simples reforma financeira burguesa, do liberalismo mais ordinário, do republicanismo mais formal, da democracia mais superficial é, ao mesmo tempo, punida como “atentado à sociedade” e estigmatizada de “socialismo”. E, por fim, os sumos sacerdotes “da religião e da ordem” são expulsos a pontapés de seus tripés de Pítia, arrancados de suas camas na calada da noite, enfiados em camburões, jogados em cárceres ou mandados para o exílio. Seu templo é demolido; sua boca, selada; sua pena, quebrada; sua lei, rasgada em nome da religião, da propriedade, da família e da ordem (MARX, 2017, p. 17).

A semelhança seria cômica, não fosse seu fim tão trágico. Se Jair Messias Bolsonaro era um nome conhecido no Rio de Janeiro pela defesa das reivindicações de militares, mesmo tendo marcado sua participação no parlamento sem aprovar um Projeto de Lei, sequer, de relevância, sua notoriedade nacional ocorreu quando passou a ser pauta da imprensa por seus comentários polêmicos e repletos de discursos de ódio, principalmente, contra a união civil de pessoas do mesmo sexo, o Projeto Escola sem Homofobia e o combate à ideologia de gênero⁴.

É neste caminho, tomado por Jair Bolsonaro no parlamento, que as alianças com as alas da burguesia conservadora – a bancada religiosa, bancada da segurança/militar, bem como, de setores do agronegócio (conhecidas pela referência de BBB – Bancadas da Bíblia, da Bala e do Boi) – se constituem. Setores que viam as pautas progressistas como ameaças aos valores tradicionais de mundo que defendiam, encontraram em Bolsonaro a representação mais direta para atacar os direitos sociais de parcelas importantes da sociedade, as chamadas minorias. A ele cabia a voz ‘politicamente incorreta’ capaz de aglutinar os anseios violentos e preconceituosos de setores burgueses, pequenos burgueses e da classe trabalhadora. O próprio Bolsonaro reconheceu em entrevista ao Jornal Estadão, em 2017, a ‘importância’ de ter sido um opositor ao projeto Escola sem Homofobia: “o ‘Kit gay’ foi uma catapulta na minha carreira política”⁵, oposição, esta, feita com a propagação de mentiras e ataques à escola, ao corpo de funcionárias/os,

⁴ O termo “ideologia de gênero” chegou a ser citado em escritos da autora Firestone em sua obra “A dialética do sexo” (1970). O termo não chegou a ser reconhecido como forma adequada para pensar as relações de gênero, nem no campo da pesquisa e nem nas trincheiras do movimento de mulheres. Um dos marcos de sua utilização por organizações religiosas e movimentos conservadores se dá nos anos 2000, que fora do contexto utilizado pela autora ganhou a representação tátil do inimigo invisível a ser combatido, passando a representar: “diversas discussões que giram em torno da saúde reprodutiva das mulheres, da educação sexual ou do reconhecimento de identidades não heterossexuais” (MISKOLCI; CAMPANA, 2017, p. 725).

⁵ Marcelo Godoy. “Um fantasma ronda o Planalto”. Estadão. Disponível em: <https://infograficos.estadao.com.br/politica/bolsonaro-um-fantasma-ronda-o-planalto/> Acesso em jan. 2021.

principalmente às/aos professoras/es, bem como, ao movimento LGBTQIAP+ e ao movimento feminista.

Uma pergunta que permeia o imaginário de muitas pessoas é: o que faz com que um parlamentar com uma carreira política inexpressiva seja eleito ao cargo de maior representatividade no Brasil? Além de comentários polêmicos, ataques aos adversários políticos e discursos de ódio, Bolsonaro se utilizou de argumentos que expressavam as vertentes do conservadorismo tradicional e religioso, a defesa da família nuclear burguesa – que em sua fala estava sob a ameaça da “ditadura gay”; da defesa da propriedade privada e da segurança que se constituía no direito de matar: “bandido bom é bandido morto”; do combate ao comunismo – “nossa bandeira jamais será vermelha”; da religião por meio de um falso nacionalismo religioso – “Brasil acima de tudo, Deus acima de todos”.

Seus jargões foram fortalecidos após a orquestração do Golpe de 2016, que depôs da cadeira presidencial a primeira mulher a exercer o cargo máximo do Estado brasileiro, Dilma Rousseff. É fato que, diante dos vários elementos que marcaram a visibilidade de Bolsonaro, não está na sua conta a articulação do Golpe, seja por sua incapacidade de, objetivamente, organizar tamanha investida, seja por sua inexpressividade política no cenário nacional, até então. Porém, vale destacarmos que foi dele o maior impropério proferido contra Dilma no dia da votação sobre o impeachment, na Câmara – “Perderam em 1964, perderam em 2016. Pela família e pela inocência das crianças em sala de aula que o PT nunca teve, contra o comunismo, contra o Foro de São Paulo. Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, que foi o pavor de Dilma Rousseff [...]”⁶.

Bolsonaro é fruto dos escombros de um golpe da burguesia que longe de ter razões para um processo de impeachment, articulou na esfera política, institucional, jurídica e social a retirada da Presidenta eleita com mais de 54 milhões de votos, em 2014.

A queda de Dilma coloca um dos articuladores do golpe na cadeira presidencial, o então presidente interino Michel Temer que, com a sua “Ponte para o futuro”, levou o país à beira do abismo. A título de ilustração, citaremos quatro medidas que impactaram, de forma destrutiva, pastas importantes da política social: teto de gastos públicos; reforma do ensino médio; reforma da previdência e reforma trabalhista. Saúde, educação, assistência social, previdência e os direitos trabalhistas foram duramente atacados.

⁶ https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160419_torturado_ustra_bolsonaro_lgb

Os levantes dos movimentos sociais contrários às medidas não foram suficientes para barrar os retrocessos. O golpe de 2016 tinha atingido toda a esquerda brasileira, o antipetismo que contou com o forte apoio dos “aparelhos privados de hegemonia” (GRAMSCI, 2007), principalmente a mídia, foi fundamental para que setores da classe trabalhadora comprassem a ideologia de seus algozes. A construção desse consenso tinha como plano de fundo a bandeira da anticorrupção. Os intelectuais orgânicos da burguesia davam o tom de prestígio e confiança, que respaldava, no interior da sociedade, a ideologia dominante.

Os intelectuais são os ‘prepostos’ do grupo dominante para o exercício das funções subalternas da hegemonia social e do governo político, isto é: 1) do consenso ‘espontâneo’ dado pelas grandes massas da população à orientação impressa pelo grupo fundamental dominante à vida social, consenso que nasce ‘historicamente’ do prestígio (e, portanto, da confiança) obtido pelo grupo dominante por causa de sua posição e de sua função no mundo da produção; 2) do aparelho de coerção estatal que assegura ‘legalmente’ a disciplina dos grupos que não ‘consentem’, nem ativa nem passivamente, mas que é construído para toda sociedade na previsão dos momentos de crise no comando e na direção, nos quais desaparece o consenso espontâneo (GRAMSCI, 2001, p. 21).

Contudo, se a burguesia acreditava que as articulações do golpe resultariam em seu retorno à condição de dirigente, se a direita tradicional deu a direção do golpe sob ânsia de voltar ao poder, o que ocorreu foi muito diferente; os representantes da direita tradicional se virão enfraquecidos e desgastados pós-golpe 2016, suplantados pelo próprio monstro que haviam alimentado. Essa é uma das questões por trás do que se desenhou no Brasil pós-golpe de 2016: é a suposta “crise orgânica da burguesia”, como sinaliza Demier (2017). O cenário que construiu o golpe de 2016 não deu à burguesia brasileira o lugar de protagonista pelo qual ansiava, ao contrário, ascendeu, em 2018, um representante medíocre que imprimiu uma derrota tanto à esquerda, quanto à direita. Nas palavras de Demier (2020):

Essa rotina na qual praticamente todo um país se põe a contemplar, com rendas e reações desiguais, as performances de um histriônico protagonista e seu entourage de lumpens só pode acontecer porque, em função do desenrolar da luta de classes no último período da história nacional, a triunfante burguesia, depois de empurrar o proletariado para atrás do palco, mostrou-se tão inebriada com sua vitória e foi tão sedenta na pilhagem aos derrotados que acabou, ela própria, também posta para atrás do palco, cuja frente às vezes adentra apenas para coadjuvar a cena, ora abraçando, ora brigando com o protagonista, mas nunca para encenar ela mesma o papel principal (DEMIER, 2020, p. 17).

O saldo dessa catastrófica ascensão colocou toda uma nação à mercê de uma política de morte iniciada em 01 de janeiro de 2019; os alvos são: a classe trabalhadora (parte dela que inclusive o apoiou, mas não é a culpada pela chegada de seu algoz ao poder), a população LGBTQIAPN+, as mulheres, a população negra, a população indígena, a ciência e a cultura. A



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

pandemia do Covid-19, no Brasil, ceifou, até agosto de 2024, 712.957 mil vidas. O país possui 2,7% da população mundial, em contraposição a esse dado, o percentual do Brasil em óbitos pela Covid-19, corresponde a 10,2% dos óbitos no mundo. A negação da ciência, o incentivo a um tratamento medicamentoso precoce completamente ineficaz, a não adoção das medidas sanitárias recomendadas pela Organização Mundial de Saúde – OMS, o atraso na aquisição de vacinas são algumas das causas do alto índice de mortes no nosso país.

Seria ingenuidade não encontrar lógica no que nos afligiu e ainda aflige enquanto nação. Não se tratou, apenas, da incompetência em gerir o Estado (ainda que a serviço dos e voltado aos interesses do capital), teve relação direta com o não se importar com os caminhos que levaram à morte pessoas pobres, mulheres, idosas/os, negras/os, LGBTQIAPN+, trabalhadoras/es. Como na metáfora do vampiro decadente, sobrou para a burguesia se alimentar com o sangue que jorra das veias abertas de uma nação em colapso sanitário, social, econômico e político.

2 “UMA MANHÃ EU ACORDEI E LUTEI CONTRA UM OPRESSOR”: cantoras lésbicas e bissexuais contra Bolsonaro

Os impropérios proferidos por Bolsonaro, ainda como deputado federal, ao tempo que despertou simpatizantes, seguidoras/es no meio artístico – na música o seu maior número de apoiadoras/es está no chamado sertanejo universitário – também foi responsável por gerar opositoras/es. Cantoras como: Marina Lima, Daniela Mercury, Zélia Duncan, Maria Gadu, Anitta, Marina Íris, para citar nesse artigo alguns exemplos, vestiram a camisa do #EleNão e convocaram, por suas redes sociais, as mulheres às ruas. Lá estiveram as cantoras e ao lado de milhares de mulheres seguiram em marcha entoadas pela paródia de “Bella Ciao”, conhecida como um hino da resistência antifascista, a Primavera Feminista ganhou as ruas e as avenidas do Brasil.

Muito embora não tenhamos acesso a dados oficiais sobre a participação pública⁷, é sabido que em 114 cidades brasileiras tiveram manifestações contrárias a Jair Bolsonaro⁸, no dia 29 de setembro de 2018. A campanha #EleNão teve início nas redes sociais e ganhou força nas ruas como forma de resistência ao “fascismo à brasileira”. Melo (2020) faz um exercício

⁷ A Polícia Militar não divulgou números oficiais, ao contrário do que ocorreu em manifestações contra Dilma Rousseff do PT, no golpe de 2016.

⁸

Ver: <https://g1.globo.com/politica/noticia/2018/09/29/manifestantes-fazem-atos-a-tarde-contrario-e-favor-de-bolsonaro.ghtml>



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

importante, ao revisitar os elementos presentes no fascismo, e tece significativas reflexões sobre o bolsonarismo e suas afinidades com tal ideologia.

Bolsonaro acionou, em sua campanha, aspectos ideológicos de nítida ligação com o fascismo e seus intelectuais. No Brasil, figurou dentre os intelectuais do bolsonarismo, Olavo de Carvalho, que exercia o papel de dar sustentabilidade às teorias da conspiração defendidas pelo candidato, o chamado “marxismo cultural”, que estabeleceu Gramsci como o perigo para o retorno ao comunismo e como o único capaz de sobreviver à queda da antiga União Soviética. (MELO, 2020).

O anti-gramscismo ganhou força nos espaços militares, foi suporte para fortalecer o discurso da Escola sem Partido, a perseguição de professoras/es, a suposta defesa da família tradicional e os ataques ao que foi denominado de “ditadura gayzista”, utilizado para combater uma presumida “ideologia de gênero”. A centralidade do revisionismo⁹ e do negacionismo à existência de uma ditadura militar¹⁰ representava outra particularidade da teoria de conspiração à brasileira.

Constituiu-se o ‘Mito’, em que nem a ciência, nem profissionais de renome foram capazes de negar as ‘verdades’ ditas pelo líder Bolsonaro por mais absurda que pudessem ser. O discurso violento e armamentista era enaltecido e aplaudido por apoiadoras/es, às/aos inimigas/os a “ponta da praia”¹¹: “Vamos fuzilar a petralhada aqui do Acre, hein? Vamos botar esses picaretas para correr do Acre. Já que eles gostam tanto da Venezuela, essa turma tem de ir pra lá. Só que lá não tem nem mortadela, hein, galera. Vão ter de comer é capim mesmo” (sic) bradou o candidato durante comício, em setembro de 2018.

No cenário da disputa de narrativas e em busca da hegemonia política, também eram ativas cantoras lésbicas e bissexuais. Daniela Mercury, casada com a jornalista Malu Verçosa, com quem mantém um relacionamento desde 2013, fez declarações contundentes no programa Palavra de Mulher, da TVE Bahia, em 22 de outubro de 2018¹², “Não ameace a minha vida. Isso

⁹ O revisionismo é uma abordagem que busca revisar, reinterpretar ou reavaliar eventos históricos, teorias ou ideologias estabelecidas. Essa prática pode envolver a análise crítica de narrativas históricas previamente aceitas, bem como a proposição de novas interpretações com base em evidências atualizadas ou perspectivas diferentes.

¹⁰ A ditadura civil-militar no Brasil é historicamente reconhecida como um golpe de Estado, no entanto, na parcela bolsonarista, tal golpe é tido como uma expressão de defesa nacional frente ao risco comunista.

¹¹ Termo alusivo à ditadura militar e por diversas vezes usado por Bolsonaro. “A “ponta da praia” é uma expressão usada por militares que se referia à Restinga da Marambaia, no Rio de Janeiro”, local onde eram torturados e mortos os presos da ditadura civil-militar brasileira. Fonte: Jornal Metrópole, 16/05/2022. Acessado em: julho de 2023. <https://www.metropoles.com/brasil/bolsonaro-cita-local-de-execucoes-ao-reclamar-de-ser-comparado-a-lula>.

¹² <https://lula.com.br/nao-ameace-a-minha-vida-afirma-daniela-mercury-a-bolsonaro-haddadsim>. Acessado em agosto de 2021.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

não é aceitável”. Dirigiu-se diretamente ao candidato Jair Bolsonaro, e continuou: “Sou resistência pelos direitos humanos, pelo direito de todas as pessoas, pelo direito às nossas vidas!”.

Zélia Duncan, em convocação para o ato do dia 29 de setembro, em suas redes sociais, reforça a importância da defesa dos direitos humanos e destaca as posturas de ataques violentos de Jair Bolsonaro contra mulheres, gays, em defesa de torturadores e das armas de fogo e reforça a campanha #EleNão: “Se você é mulher, dia 29 ‘tá aí’, nós que fomos desprezadas por ele, por sermos mulheres, vamos mostrar pra ele que, ele não vive sem todas nós, e vamos mostrar quem é fraco no dia 29. #EleNão porque nós mulheres, sim”.

Contudo, mesmo diante das várias manifestações populares contra Bolsonaro, com uma campanha marcada pelas “fake news” espalhadas por robôs que bombardearam as redes sociais com mentiras via Twitter, Whatsapp, Telegram, Instagram e Facebook, o candidato venceu o pleito, em 2018, em segundo turno, contra Fernando Haddad¹³.

A chamada classe média brasileira representa um capítulo à parte nesse processo, o ódio de classe manifesto no ataque às políticas sociais, em especial, ao Programa Bolsa Família, às cotas na universidade, ao programa Mais Médicos, reforçou o discurso de “bandido bom, é bandido morto”, a defesa da família, da propriedade e da religião. Todos esses elementos serviram ao seu futuro algoz, sob o sonho de alcançar um novo status. Gramsci (2004), ao tratar da ascensão do fascismo na Itália destaca uma questão importante sobre as classes médias, a saber:

A ruína das classes médias é deletéria porque o sistema capitalista não se desenvolve, mas sofre, ao contrário, uma restrição: essa crise não é um fenômeno em si, que possa ser examinado isoladamente e cujas consequências possam ser superadas independentemente das condições gerais da economia capitalista. Ela é a própria crise do regime capitalista, que não consegue mais e não mais poderá conseguir satisfazer as exigências vitais do povo italiano, que não consegue assegurar à grande massa do povo italiano o pão e o teto (GRAMSCI, 2004, p. 262).

Na realidade brasileira, vimos uma classe média – que sentiu seu poder de consumo reduzir (e, por isso, se viu mais próxima da classe subalterna), marcada pela ausência da consciência de classe e pelo sonho de se tornar opressor – figurar como terreno fértil para que a “guerra cultural”, que o bolsonarismo forjou, fosse plantada e germinada. O crescimento descomunal das igrejas neopentecostais foi outro fator importante na vitória do pleito de 2018.

¹³ Fernando Haddad foi o candidato lançado pela esquerda, após a contestável prisão de Luís Inácio Lula da Silva, que era o favorito nas intenções de voto.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Outros elementos são importantes para pensarmos o que nos levou à ilha de Lótus, alimentando-nos do fruto que nos causa amnésia, torpor e inércia, vimos um reiniciar constante de horrores protagonizados por um homem medíocre e incapaz de qualquer gesto de humanidade frente ao caos que se instaurou no Brasil, fomos tragadas/os por uma odisseia assustadoramente longa e dolorosa. Seria essa a metáfora mais apropriada para descrever o cenário brasileiro no governo Bolsonaro.

O exercício de pensarmos academicamente a realidade nos exige o esforço de particularizarmos as lutas que marcaram os quatro anos de governo, em especial a LGBTQIAPN+ e, a partir delas, refletirmos sobre a presença de um artevismo¹⁴, principalmente das mulheres, no combate a todos os ataques perpetrados contra minorias, os desmontes das políticas sociais, a pandemia e as mortes de milhares de brasileiras/os por negacionismo e demora na compra de vacinas, sem perdermos de vista a totalidade aberta em que estão envoltas essas lutas.

3 O MONSTRO DA LAGOA EMERGIU

Iniciado em 2019, o Governo Bolsonaro foi a expressão nítida do retrocesso nas políticas sociais, especialmente aqui, no que tange à pasta de Direitos Humanos. Um governo com forte presença militar e religiosa, que surfou na onda da tragédia para implementar as medidas de ajuste fiscal em favorecimento dos ricos, uma agenda ambiental voltada para a devastação de nossas riquezas naturais, o ataque às/aos servidoras/es públicas/es (apontadas/os como vilãs/ões da crise) e a oclusão de toda e qualquer política voltada para promoção da igualdade e da liberdade – ainda que burguesa – da população LGBTQIAPN+. Foi nessa agenda que a burguesia subiu ao palco (DEMIER, 2020), a fim de garantir, para si, as fatias do lucro que a política econômica de Paulo Guedes propiciaria.

Mas, para entendermos melhor essas nuances, precisamos lançar mão de uma análise tão mais aprofundada quanto possível, nessas poucas páginas, sobre a política de Estado adotada pelo governo Bolsonaro. Aludamos a Mandel (1985) para nos ajudar, brevemente, a entender o desenvolvimento do Estado burguês moderno, no que ele vai denominar de *capitalismo tardio*, e

¹⁴ O termo "artevismo" surgiu da junção das palavras "arte" e "ativismo", representando a combinação entre expressões artísticas e ações de ativismo social e político, sendo caracterizado pela prática de utilizar expressões artísticas, como arte visual, música, dança, teatro e outras formas de manifestação artística, para transmitir por meio da criatividade e estética, mensagens e estimular reflexões sobre a realidade social, ambiental e política, visando a sensibilizar e envolver o público em causas específicas.

em contraponto a um elemento da teoria de Poulantzas, no qual a “principal” função do Estado burguês moderno é a política:

O capitalismo tardio caracteriza-se pela combinação simultânea da função diretamente econômica do Estado burguês, do esforço para despolitizar a classe operária e do mito de economia onipotente, tecnologicamente determinada, que pode supostamente superar os antagonismos de classe, assegurar um crescimento ininterrupto, um aumento constante do consumo e, assim, produzir uma sociedade “pluralista”. A função objetiva da ideologia “economicista” é, sem dúvida, tentar dismantelar a luta de classe do proletariado. Mas a necessidade objetiva dessa ideologia corresponde exatamente à compulsão cada vez maior do Estado em intervir na economia capitalista tardia, e ao perigo que essa intervenção eduque a classe operária em relação a todas as formas econômicas e sociais da sociedade cuja riqueza produz – potencialmente uma ameaça terrível ao capitalismo tardio. Isolar um elemento dessa totalidade complexa e afirmar que é o “principal” aspecto é um passatempo fútil em termos intelectuais (MANDEL, 1985, p. 341).

Essa passagem, em especial, nos é importante, pois, ressalta o entendimento do papel do Estado no capitalismo tardio e suas ações voltadas para a manutenção do capital, o que implica no entendimento de que: “O executivo no Estado moderno não é senão um comitê para gerir os negócios comuns de toda a classe burguesa” (MARX, 2005, p. 42), e vai além ao nos exigir compreender essa relação na totalidade em que se expressa, na qual as dimensões estruturais e superestruturais estão intrinsecamente ligadas e correspondem ao desafio de entender a concepção de Estado ampliado e estrutura econômica (GRAMSCI, 2012), que fuja de uma setorialização tripartite.

Essa compreensão é importante para alcançarmos a interlocução existente entre a perspectiva ideológica disseminada durante os quatro anos de governo Bolsonaro e a política econômica de Paulo Guedes, o neofascismo conciliado com uma política econômica ultraneoliberal (MELO, 2020), uma forte alienação, a invalidação de toda e qualquer informação que fosse de encontro ao seu discurso, e a criação de um nicho próprio de fabricação de notícias que mesclavam mentiras e meias verdades. Um governo que fez uso desmedido das armas de construção de consenso para suas/seus aliadas/os, e da coerção para suas/seus opositoras/es.

O que a derrota de 2018 nos deixou, foi a certeza que havíamos perdido a batalha da hegemonia. Em 2016, o golpe havia retirado do campo progressista, ainda que a ele tenhamos inúmeras críticas, a sua condição de dirigente. Em 2018, vimos a direção ideológica das classes subalternas nas mãos da extrema direita, a partir de então, o desafio de perceber as falhas, e pensar nos meios de conquista, no seio da sociedade civil, da hegemonia, tornou-se a tarefa urgente e prioritária do campo progressista brasileiro.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

Os impactos daquele governo às minorias e à classe trabalhadora foram enormes. No que concerne ao tema da sexualidade, não se limitaram à extinção da Secretaria de Diversidade Sexual, na pasta do Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos¹⁵, nem ao veto de todas as manifestações artísticas cuja temática versasse sobre diversidade sexual ou luta das mulheres; as implicações vão além.

A indicação e a atuação da Ministra, (Pastora) Damares Alves, representa uma forma de acirramento da disputa ideológica, que vem sendo travada no Brasil, nos últimos anos. A luta por visibilidade da população LGBTQIAPN+ apontou para a necessidade urgente de políticas sociais que ousassem dirimir a desigualdade e a violência sofrida por essa população, o que representava para a parcela reacionária e conservadora da sociedade e, que ocupou o Estado e hoje ocupa o Congresso Nacional com significativa maioria, um empecilho, ou melhor, um inimigo. Seria oportuno destacarmos, também, que a conotação religiosa, trazida ao debate dos direitos sexuais e reprodutivos de mulheres e LGBTQIAPN+, representou outro campo de disputa, batalha que continuamos derrotadas/os em muitos espaços da sociedade.

Nesse ínterim, algumas cantoras chamaram, para si e para o seu trabalho, o compromisso de uma maior aproximação (e conseqüente militância) à pauta feminista e à visibilidade lésbica. Uma das cantoras que ganhou bastante destaque, nesse aspecto nos últimos anos, foi a cantora Zélia Duncan. Em entrevista publicada no Observatório G, a cantora destaca que “tinha vergonha de ser gay” e ressalta que “as meninas de hoje me devolveram o orgulho de ser sapatão”. Zélia foi crítica ferrenha ao governo Bolsonaro, com vídeos quase diários, que abordavam temas sobre mulheres, feminismo, racismo, diversidade sexual, violência, saúde, vacina, pandemia, entre outros.

Daniela Mercury foi outra cantora que se tornou parte da resistência no campo da cultura e dos direitos humanos, compôs o fórum de artistas em defesa da democracia, e não se furtou ao debate e às denúncias de descaso durante a pandemia. A artista compôs, em parceria com Caetano Veloso, a música que dá título a este artigo. O ‘hit’ põe em xeque, de forma lúdica, elementos relevantes do momento vivenciado, no Brasil, à época.

A mulherada comandando a batucada / O trio elétrico cantava, libertando a multidão / Frevo fervendo no Galo da Madrugada / Pernambuco não parava de fazer revolução Filhos de Gandhi, o afoxé na resistência / O Caboclo era soldado no Brasil da Independência / No

¹⁵ Antigo Ministério dos Direitos Humanos, cuja nova nomenclatura carrega, em si, um lastro de retrocesso e conservadorismo.

crocodilo, Stonewall, estou aqui / No carnaval beijando free / Salvador é a nova Grécia (MERCURY, VELOSO, 2020).

Se nos ativermos à letra, podemos encontrar elementos que ressaltam a importância de aspectos da cultura negra e nordestina, segmentos tão rechaçados no governo Bolsonaro, além de ressaltar a liberdade sexual e fazer alusão à Grécia, onde se situa a Ilha de Lesbos, local que deu origem a palavra lésbica. A música apresenta outros elementos estilísticos que remontam o debate à diversidade sexual, pauta tão fortemente atacada pelo bolsonarismo. E, reforça ainda, em sua estrofe final que é “proibido proibir”, trecho que retoma uma canção importante de Caetano Veloso no período ditatorial, durante o movimento da Tropicália.

Gostaríamos de enfatizar, também, como as medidas que acirraram a crise econômica e sanitária no Brasil trouxeram impactos profundos para o segmento LGBTQIAPN+. Se pensarmos na ordem do trabalho e o crescimento do desemprego, a des-regulamentação, via reforma trabalhista, da precarização do trabalho com as retiradas de direitos, tivemos para a população LGBTQIAP+, principalmente aquelas/es que compõem a classe trabalhadora, a ampliação da miséria.

No contexto da pandemia da Covid 19, essa relação foi complexificada, haja vista ser, o ambiente doméstico e familiar, um espaço de violência para muitas pessoas de sexualidade dissonante da hegemônica heterossexualidade. Se o ingresso no mercado formal de trabalho figurou/figura como um grande desafio para pessoas LGBTQIAPN+, fruto do preconceito, do abandono escolar – principalmente, de pessoas trans e travestis –, a necessidade de permanecer no ambiente familiar ampliou ainda mais as situações de violência. Diferente da maioria das pessoas, e de forma até contraditória, a rua foi/é um lugar de acolhimento muito maior que o ambiente familiar, ainda que ela seja o cenário de inúmeros casos de lgbtfobia, é nesse lugar que a visibilidade e a aceitação se professam, figurando, ainda como o lugar de encontro entre pares.

Esse olhar nos exige a compreensão de totalidade da situação. O desemprego, por si, já acarreta problemas estruturais para a reprodução dessa população, a exigência do distanciamento social e necessidade de permanecer no ambiente familiar tornou mais doloroso o existir, o ser quem se é. Nesse sentido, um governo que estimulou o preconceito, que defendeu o uso da violência física, como forma de correção de uma “conduta desviante”, fortaleceu as práticas de discriminação, deu voz e concretude a todas as práticas discriminatórias que estiveram nos escombros ante o crescimento dos debates sobre direitos humanos nos governos progressistas. Nunca foram “cortinas de fumaça”, antes e ao contrário, compreendem a

manutenção de uma estrutura classista, patriarcal, sexista e racista, que agrediu e agride, que matou e ainda mata, quem dela se desvia, mormente a população LGBTQIAPN+.

Permanece desafiador, diante de tantas frentes de luta, buscar a interlocução entre as várias expressões de opressão/exploração que a realidade nos impõe, reconhecer o real inimigo, e atuar em conjunto para a sua derrota implica numa construção de consciência de classe, que resultaria numa consciência militante LGBTQIAPN+.

Para expressarmos melhor nossa linha de raciocínio, precisamos reconhecer os aspectos fascistas (MELO, 2020)¹⁶ que circunscreveram o governo bolsonarista, e continuam vivos no bolsonarismo, entre as várias características, uma que nos serve para análise da sexualidade e suas vivências dissonantes, é o reforço da família patriarcal, não no sentido weberiano de patriarcalismo, mas, na categoria patriarcado – como sistema que opera desigualdades na ordem das relações sociais de sexo/sexualidade (CISNE, 2012).

A violência como estratégia de defesa dos segmentos da sociedade, que se sentem no limite da crise e, portanto, avalizam todo e qualquer ato violento, que seja praticado em nome da manutenção de uma “ordem”, foi outra característica presente no governo Bolsonaro, ou melhor, no bolsonarismo. Essa violência atinge, de forma mais contundente, corpos negros, corpos LGBTQIAPN+, corpos de mulheres. Se um dos elementos do fascismo são os grupos de extrema-direita, organizados no interior da sociedade, o bolsonarismo tem esse aporte. Grupos violentos, que por mais que não tenham sido criados por Bolsonaro, são sua base social, à guisa de exemplo, temos a violência praticada contra LGBTQIAPN+ na avenida paulista, em 14 de novembro de 2020,¹⁷ ou mesmo os casos de violência contra LGBTQIAPN+ praticados na praça da Gentilândia, em Fortaleza, no ano de 2018¹⁸.

O desafio de pensarmos as implicações do bolsonarismo, do recrudescimento do conservadorismo, do levante das forças reacionárias para a população LGBTQIAPN+ nos leva ao entendimento de que não se trata de uma única frente de luta, requer uma disputa maior, que parte de uma pauta específica, mas não está a ela limitada. O descaso com a arte, com a ciência, com a saúde, com a assistência, com a educação, com a vida, atinge a todas/os e tem sobre uma parcela, que já sofre com a invisibilidade, sua face mais nefasta, gesta dores, miséria e morte.

¹⁶ Artigo inédito cedido pelo autor: “O bolsonarismo como fascismo do século XXI”

¹⁷

<https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2010/11/22/interna-brasil,224199/movimento-lgbt-protesta-contr-a-atentados-a-jovens-na-avenida-paulista.shtml>. Acessado em janeiro de 2021.

¹⁸ <https://www.geledes.org.br/skinheads-suspeitos-de-agressao-homofobica-em-fortaleza-sao-notificados-para-depor/>. Acessado em janeiro de 2021.

4 “À LUTA PARA DERROTAR O ÓDIO E PREGAR O AMOR”: as eleições de 2022 e a vitória de Luís Inácio Lula da Silva, algumas considerações finais

Um dos fatores primordiais do desgaste do governo Bolsonaro foi seu descaso com a pandemia do Covid 19. Suas falas desrespeitosas frente a dor de milhares brasileiras/os, somadas ao acirramento da crise econômica, crise ambiental e os escândalos de corrupção. Por outro lado, Lula ainda enfrentou a desconfiança do antipetismo, mesmo que ainda possua um enorme capital político, principalmente entre as camadas mais pobres da sociedade.

Destacamos, também, que a estratégia do bolsonarismo nas eleições de 2018, de trabalhar com os algoritmos das redes sociais e as “Fake News”, não foi suficiente para abrandar o desgaste e a desconfiança que os quatro anos de governo gerou. Isolado internacionalmente e com muitos aliados “abandonando o barco”, Bolsonaro não conseguiu derrotar o poder de articulação política de Lula que, após a saída da prisão, angariou o apoio de diversos setores, da esquerda e da direita – haja vista, o vice-presidente ser Geraldo Alckmin ex-adversário, quando filiado ao PSDB –, inclusive de lideranças internacionais.

O setor da cultura foi um dos que, a exemplo de 1989, aderiu à campanha de Lula. A exemplo de sua primeira candidatura, o jingle “Sem Medo de Ser Feliz” foi atualizado e contou com a participação de diversos nomes da música brasileira, como a drag queen Pablo Vittar. A descrença na política bolsonarista – que se manifestou, principalmente, nas camadas subalternas que outrora compraram seu discurso –, reacendeu a esperança de uma vitória no primeiro turno, que não se concretizou.

O uso da máquina estatal, no segundo turno, inclusive com blitz policiais, que barraram a ida à seção eleitoral de eleitoras/es petistas, em especial no Nordeste¹⁹, região em que o petista venceu com ampla vantagem no primeiro turno, foi um dos aspectos mais preocupantes no processo eleitoral de 2022.

Às vésperas das eleições do segundo turno, a cantora Daniela Mercury postou, em suas redes sociais, a sua disposição para ligar para familiares de fãs que gostassem do seu trabalho e votavam em Bolsonaro, com o intuito de virar voto. O contato deveria ser enviado pelo *Direct Messenger* (bate-papo do Instagram). Seu engajamento para a vitória de Lula e para a derrota de Bolsonaro, foi até o último dia de campanha.

¹⁹ <https://www.opovo.com.br/noticias/politica/2023/07/04/um-terco-das-blitzes-da-prf-no-segundo-turno-aconteceu-no-nordeste.html>. Acessado em: dezembro de 23.

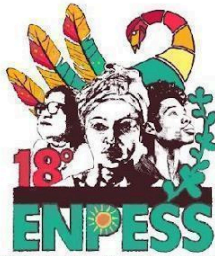
Por outro lado, as eleições para a Câmara Federal e para o Senado, apontaram para um crescimento da bancada bolsonarista, derrotas no governo de São Paulo e a disputa acirrada em Minas Gerais, foram alguns dos indicativos dos desafios que já se apresentavam para o governo de Lula. O Bolsonarismo permanece vivo, e vencê-lo exige muito mais que jogo político, exige luta, disputa de hegemonia, engajamento, afinal, o país estava e permanece dividido, entre um governo progressista, mas que bebe da fonte neoliberal, e a extrema direita, que bebe do que há de mais reacionário da política na atualidade.

A vitória no segundo turno veio apertada – cerca de 2 milhões e 100 mil votos –, com uma diferença de apenas um ponto percentual; vitória que recolocou o campo progressista de volta ao jogo, a avenida paulista e as ruas das grandes capitais foram cobertas de vermelho brasa, de Brasis. Daniela Mercury foi a atração musical da festa após o discurso de Lula e justificou seu voto no petista: “Ter Lula na presidência é seguir nosso caminho democrático”.

Daniela Mercury e Zélia Duncan, as duas cantoras que destacamos aqui, permanecem firmes no apoio e no enfrentamento ao bolsonarismo, ambas já declararam ter ciência que venceram uma batalha. Já no tocante ao governo Lula, podemos dizer que o mesmo apagou incêndios nos seus primeiros meses de governo, o que não lhe permitiu mostrar ao que veio. A tentativa de golpe no dia 08 de janeiro de 2023 – ação que depredou o Palácio do Planalto, o Congresso Nacional e o Superior Tribunal Federal – é outro fato extremamente significativo para seu início de governo. Um fato é, as ações da oposição na primeira semana após a posse de Lula apontaram que o pleito democrático de 2022 não havia dirimido nem um terço da polarização que a extrema direita havia criado no Brasil.

Essa constatação no início do governo pôs em xeque muitas das pautas que alguns setores acreditaram ser possível pôr em disputa, para além das pautas chamadas de valores, se enquadram nesse processo as demandas das/os servidoras/es públicas/os, da classe trabalhadora e uma política econômica que minimamente possibilitasse uma taxaçoão diferenciada para as grandes fortunas, ou seja, uma tributação progressiva, diferente da lógica regressiva adotada no Brasil. A questão que pode vir à tona é: por que tal fato implicaria em dimensões tão específicas, como a pauta de valores, as demandas de servidoras/es públicas/os e da classe trabalhadora e a política de tributação?

A resposta é simples. São demandas que vão de encontro aos interesses das classes dominantes, que diante da comprovação da força política da extrema direita e da polarização da sociedade brasileira, associadas a uma maioria bolsonarista no Congresso Nacional, aumentam



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

as dificuldades de ações mais contundentes, ainda que liberais, por parte do governo federal. Não se trata de uma defesa, ou mesmo de uma aceitação dos limites, mas do reconhecimento da correlação de força presente e que as demandas dos setores subalternos da sociedade, vão exigir uma maior consciência por parte das categorias para lutar por suas pautas, sem com isso fortalecer os setores oposicionistas.

É nesse lugar que se encontra o governo Lula após 18 meses de governo, diante de um Congresso Nacional de maioria bolsonarista, permeado pelas insatisfações de setores como: servidoras/es públicas/os, em especial da previdência e da educação, dentre outros setores. A inércia diante das pautas progressistas, apesar da retomada de importantes pastas como a de mulheres, LGBTQIAPN+, população indígena, direitos humanos e a questão racial, permanece, e ações mais efetivas não se apresentaram. Bolsonaro foi derrotado nas urnas, porém o bolsonarismo permanece vivo nas ruas e continua à espreita dos cargos de poder.

Ao fim, podemos deixar uma importante reflexão, luta cultural e luta política caminham juntas, a arte pode ser veículo de propagação de ideias e diálogo para construirmos as condições históricas de conquista da hegemonia, da direção política e cultural da classe trabalhadora. Não há trincheira prioritária! A libertação da opressão/exploração passa, obrigatoriamente, pela transformação, que consigamos, de forma articulada, organizada, compromissada, sair da Ilha de Lótus e pôr fim a essa Odisseia de horrores que nos violenta, aprisiona e mata.

5 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRUSCHINI, Cristina. Teoria crítica da família. In AZEVEDO e GUERRA (Orgs) Infância e violência doméstica: fronteiras do conhecimento. 5ª Ed. São Paulo: Cortez Editora, 2009. p. 55-86.

CISNE, Mirla. Feminismo e Consciência de Classe no Brasil. São Paulo: Cortez, 2014.

DEMIER, Felipe. Depois do Golpe: a dialética da democracia blindada no Brasil. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017, p. 9-64 (Prefácio e capítulos I, II e III).

_____. Crônicas de dias desleais: ultraneoliberalismo, fascismo e pandemia no Brasil. 1ª ed. – Rio de Janeiro: Mauad X, 2020. E-book.

GRAMSCI, Antonio. Caderno do Cárcere. Vol. 03. Edição e tradução, Carlos Nelson Coutinho, coedição, Luis Sérgio Henriques e Marco Aurélio Nogueira. – 5ª ed. – Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.



Encontro Nacional de Pesquisadoras
e Pesquisadores em Serviço Social

10 a 14 de dezembro de 2024
ISSN 2965-2499

Relações de classe e raça-etnia:
desafios a uma formação profissional
emancipatória no Serviço Social

MANDEL, Ernest. Capitalismo tardio. Tradução de Carlos Eduardo Silveira Matos, Régis de Castro Andrade e Dinah de Abreu Azevedo. – 2ª ed. – São Paulo: Nova Cultural, 1985.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. Manifesto Comunista. Tradução de Alvaro Pina. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

_____. Sobre a questão judaica. São Paulo, Boitempo, 2010, p. 9-60.

_____. O 18 brumário de Luís Bonaparte. Tradução e notas Karina Jannini. – 1ªed. – São Paulo: Edipro, 2017.

MELO, Demian. O bolsonarismo como fascismo no século XXI. In: REBUÁ, E.; COSTA, R.; GOMES, R.; CHABALGOITY, D. (Org.). (Neo)fascismo e educação: reflexões críticas sobre o avanço conservador no Brasil. 1ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2020.

POULANTZAS, Nicos. O Estado, o poder e o socialismo. Rio de Janeiro: Graal, 1980, p. 141-232.

MERCURY, Daniela. Proibido Carnaval. Salvador: Páginas do Mar: 2020. 3:51 min.

TOITIO, Rafael. Ideologia de gênero” e “marxismo cultural” nas taras presidenciais: Marxismo e feminismo na “cena” política brasileira. Vol. 03, N. 10, Abr. – Jun., 2020 - <http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/index>.